



- ANÁLISE FUNCIONAL DE CONECTIVOS EM PORTUGUÊS: DA ABORDAGEM CLÁSSICA À CONSTRUCIONAL -

CONNECTIVE FUNCTIONAL ANALYSIS IN PORTUGUESE: FROM CLASSIC TO CONSTRUCTIONAL APPROACH

Mariangela Rios Oliveira*

RESUMO

Neste artigo, tratamos da análise dos conectivos da língua portuguesa à luz dos pressupostos do Funcionalismo. Na primeira seção, voltamos para o tratamento dos conectivos como classe gramatical do português, com foco em suas propriedades funcionais. Na segunda seção, partimos de uma abordagem clássica dessa classe, baseada nos pressupostos funcionalistas das décadas finais do século XX, a partir dos fundamentos da gramaticalização e da investigação de itens específicos, como se encontra em Givón (1979) e Heine et al (1991), entre outros. Na sequência, chegamos ao tratamento dos conectivos na vertente da Linguística Funcional Centrada no Uso, tendência recente de nossa pesquisa, que integra o tratamento construcional da gramática ao Funcionalismo, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros. Nessa vertente atual, os conectivos são investigados em perspectiva construcional, de modo mais amplo e holístico, levando em conta as propriedades do contexto em que são usados e os níveis de vinculação de forma e sentido de suas subpartes, conforme a taxonomia proposta por Diewald (2002, 2006).

Palavras-chave: Conectivos; análise funcional; análise construcional.

ABSTRACT

In this article, we are dedicated to the analysis of the connectives of the Portuguese language in light of the assumptions of Functionalism. In the first section, we turn to the treatment of connectives as a grammatical class of Portuguese, focusing on its functional properties. In the second section, we start with a classical approach of this class, based on the functionalist assumptions of the last decades of the twentieth century, based on the foundations of grammaticalization and investigation of specific items, as found in Givón (1979) and Heine et al. (1991), among others. In the sequence, we arrive at the treatment of the connectives in the aspect of Usage-based Functional Linguistics, recent trend of our research, that integrates the constructional treatment of the grammar to the Functionalism, in the terms of Traugott and Trousdale (2013) and Hilpert (2014), among others. In this current strand, connectives are investigated in a constructive perspective, in a broader and holistic way, taking into account the context properties in which they are used and the levels of form and sense linkage of their subparts, according to the taxonomy proposed by Diewald (2002, 2006).

Keywords: Connectives; Functional analysis; constructional analysis

*Professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (aposentada) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Instituto de Letras. Pesquisadora 1C do CNPq. <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

1. INTRODUÇÃO

Nosso objetivo neste artigo é abordar uma das classes gramaticais mais complexas e passíveis de mudança linguística em perspectiva funcional, a dos constituintes que atuam na conexão, seja em nível intra ou interoracional. Nessa abordagem, partimos do tratamento funcionalista clássico, tal como definido em Rosário e Oliveira (2016), chegando à fase contemporânea, com a incorporação da análise construcional, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros. A vertente atual de nossas pesquisas é nomeada *Linguística Funcional Centrada no Uso* (doravante LFCU), perspectiva funcionalista resultante da incorporação do arcabouço teórico da gramática de construções, de viés cognitivista, como referido em Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), entre outros. Assim, nosso propósito aqui é apresentar, a partir da investigação de uma categoria específica da gramática do português, como o Funcionalismo, partindo de uma perspectiva clássica, na linha de Givón (1979) e Hopper (1991), por exemplo, chega ao tratamento mais holístico e contextualizado dos conectivos, tal como preconizado pela LFCU e, no Brasil, investigado por Rosário (2012) e Arena (2015), entre outros.

Para tanto, o artigo se divide em três seções principais. Na primeira, nos dedicamos a definir e a elencar as propriedades da categoria dos conectivos, com base em fontes da gramática do português, com destaque para a complexidade e relativo hibridismo que a marca; ainda nessa seção, tratamos da ênfase que os estudos funcionalistas têm conferido aos conectivos, como elementos resultantes, via de regra, de mudança linguística, por intermédio do recrutamento de material já disponível na gramática para nova funcionalidade, como a da conexão. Na segunda seção, voltamo-nos para a fase clássica da pesquisa funcionalista dos conectivos, com destaque para a gramaticalização e a unidirecionalidade que marcam essa etapa inicial de investigação. Na sequência, dedicamos a terceira seção ao tratamento da categoria dos conectivos na LFCU, com ênfase na abordagem construcional, com foco na construcionalização, na mudança construcional e no *cline* contextual que motiva a convencionalização de novos esquemas nesse paradigma. Finalizamos o artigo com a apresentação de rumos e desafios de investigação dos conectivos na perspectiva da LFCU.

2. A CLASSE DOS CONECTIVOS

A categoria dos conectivos é definida tradicionalmente como um grupo gramatical de caráter amplo e complexo. Em Crystal (1988, p. 60), os conectivos são entendidos como *termos que classificam gramaticalmente as palavras ou morfemas cuja função primária é ligar unidades linguísticas em qualquer nível*; essa fonte destaca as conjunções como grupo mais representativo da categoria. Para Dubois et al (1973, p. 139), trata-se de *termos que estabelecem conexão*, como pronomes e advérbios relativos, conjunções e preposições; os autores incluem aí os *operadores* suscetíveis de fazerem de duas unidades *uma só*, referindo-se ainda ao verbo *ser* como elemento de conexão ou de cópula. Camara Jr (1985, p. 79) define os conectivos como *vocábulos gramaticais que, como morfemas relacionais, estabelecem conexão entre palavras ou partes de uma frase*; nessa fonte, tais elementos se encontram subdivididos em: a) coordenativos e subordinativos; b) preposições, pronomes relativos e conjunções.

De acordo com Cavaliere (2018, p. 13), o termo *conectivo*, como hiperônimo metalinguístico, já *aparece em gramáticas do século XIX*, na referência a classes como preposição, conjunção, pronome relativo e certos advérbios (*onde, aonde* etc). Ainda de acordo com autor (2018, p. 11), nesses compêndios do século XIX, os conectivos são citados como cumpridores, ao menos, de um dos seguintes papéis gramaticais: a) liame vocabular ou oracional; b) indicação da fronteira vocabular ou oracional; c) atribuição de relação no plano sintático; d) cumprimento de função anafórico dotado de função sintática.

Observamos que, na descrição gramatical contemporânea, em perspectiva tradicional, mantém-se, de certa forma, o tratamento dedicado aos conectivos no século XIX, como apresentado e defendido em Cavaliere (2018). Consideramos que tal condição deriva do tipo de critério utilizado nessas fontes para a descrição das classes, em termos de categorias sintáticas e morfológicas discretas, e também do escopo da descrição, que vai até o chamado *período composto*.

Por outro lado, no século XX, com o advento da pesquisa linguística, acrescenta-se aos papéis conectivos o de *articulador de coesão textual*, mas tal função extrapola o nível

morfossintático da língua e, por isso, não recebe maior menção nos compêndios gramaticais tradicionais. Assim, modernas gramáticas brasileiras destacam os conectivos como categoria da gramática e fazem referência a sua função textual. Nessa linha, Azeredo (2008, p. 296) considera os conectivos elementos *transpositores*, unidades gramaticais de lista finita que atuam na *transposição* (processo pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades, que podem ser sintagmas básicos ou orações). Já Castilho (2010, p. 133) propõe a *conectividade* como categoria semântica gramaticalizada, articulada por preposições e conjunções. De outra parte, Perini (2010, p. 311) define os conectivos como uma das *classes de palavra* do português, subdivididos em preposições, conjunções e coordenadores.

Diante das definições listadas nessa seção, podemos entender por que os conectivos têm sido consideravelmente contemplados na pesquisa funcionalista². Há várias respostas para essa indagação, entre as quais listamos as seguintes: a) manifestam polissemia, situando-se no trânsito categorial, em posições marginais da categoria; b) integram uma classe muito gradiente e prototípica; c) compõem um conjunto amplo e muito diversificado, tanto em termos estruturais quanto em termos subfuncionais; d) são ótimos exemplos da emergência e da variabilidade que caracterizam os usos linguísticos (Bybee, 2010); e) permitem detectar muitas vezes, em pesquisa histórica, as neoanálises, entendidas como processos linguísticos investigados, que conduzem à mudança gramatical rumo à função conectora; f) são motivados por negociação interativa entre os usuários (Traugott; Dasher, 2005), por pressões da própria estrutura linguística e por *processos cognitivos de domínio geral* (Bybee, 2010).

Diante do conjunto de propriedades funcionais e formais dos conectivos, concluímos que o aparato teórico funcionalista pode dar conta da descrição e da análise interpretativa dessa categoria. Tal conclusão é fundamentada na consideração de que o Funcionalismo considera os contextos de uso linguístico como o *lócus* da emergência da gramática e procura dar conta das propriedades funcionais e formais dos padrões de uso linguístico. Ademais, esse arcabouço teórico assume a gradiência e a variabilidade, em nível sincrônico, e a gradualidade, em nível diacrônico, como propriedades constitutivas da língua, contemplando a direcionalidade da mudança linguística, incluindo-se aí os *clines* do tipo *léxico* > *gramática*; *concreto* > *abstrato*; - *gramatical* > + *gramatical*; *não subjetividade* > (*inter*)*subjetividade*, entre outros.

3. CONECTIVOS EM ABORDAGEM CLÁSSICA

De acordo com Rosário e Oliveira (2016), consideramos a fase clássica dos estudos funcionalistas, referente às décadas iniciais dessa vertente linguística, a partir dos anos 70 do século XX, chegando aos anos iniciais do século XXI. Nessa fase, não só os conectivos, mas os demais constituintes da gramática, são pesquisados individualmente, segundo os *clines* tradicionais e unidirecionais do Funcionalismo, na perspectiva da *gramaticalização*. Tal abordagem pode ser detectada, por exemplo, nas seguintes propostas de derivação que têm servido de embasamento teórico para muitas e relevantes pesquisas: a) o curso da forma (Givón, 1979): *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfologia fonológica* > *zero*; b) o curso do conteúdo (Heine et al, 1991): *pessoa* > *objeto* > *atividade* > *espaço* > *tempo* > *qualidade*; c) o curso da categorização gramatical (Martelotta, 1996): *pronome fórico* / *advérbio* > *conjunção*.

No viés do Funcionalismo clássico, os conectivos são investigados sob duas concepções de gramática complementares. Para Bolinger (1977), a gramática é uma estrutura basicamente maleável, que se adapta constantemente às necessidades comunicativas, a partir da assunção do isomorfismo linguístico. Já Hopper (1987) defende que gramática é sempre emergente e que nunca está presente em termos mais efetivos. Na abordagem da mudança gramatical que conduz à formação de novos membros da classe dos conectivos, há também dois enfoques distintos: o da *redução*, no destaque da erosão da forma e do desbotamento do conteúdo da categoria fonte, e o da *expansão*, no destaque para ampliação de escopo, no relacionamento de palavras, orações ou partes textuais mais amplas cumprido pela nova categoria.

A fase clássica da pesquisa dos conectivos é marcada ainda por pressupostos como o de *pressão de informatividade*, que, segundo Traugott e König (1991), se refere a um tipo de mecanismo em que se destacam implicaturas conversacionais, emanadas das condições do contexto discursivo em que um conectivo ocorre. Levam-se em conta também menções como a de Lyons (1979), para quem há vários fatores que motivam a mudança linguística por gramaticalização, sendo o passar do tempo apenas um elemento articulador desses diversos fatores. Dois princípios basilares do Funcionalismo são destacados nessa fase, como apresentados em Givón (1979): *iconicidade*, fundado na relação motivada e direcional *função* > *forma*, desdobrada em três

subprincípios (quantidade estrutural, proximidade sintática e ordenação linear), e *marcação*, oriundo do Estruturalismo, prevendo que membros mais frequentes e menos complexos, em termos estruturais e cognitivos, são mais facilmente acessíveis e identificados pelos usuários do que os demais de sua classe. Também pertencem à fase clássica dos estudos funcionalistas, considerados na pesquisa dos conectivos, os subprincípios estabelecidos por Hopper (1991), detectáveis nos estágios iniciais da mudança por gramaticalização e em atuação conjunta: camadas (*layering*), divergência, especialização, persistência e decategorização.

Trazemos, na sequência, alguns dados de pesquisa de conectivos dessa fase, trabalhados no contexto do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*. Os três fragmentos a seguir se encontram em Martelotta (1996, p. 193):

(1) ... *você chega assim... tem... tipo de frente pra janela... a porta é à minha esquerda... aí toda parte da parede esquerda... tem armário... depois vem o freezer... a geladeira... mais um armário...*

(2) ... *eu encontrei com ele depois... assim ... (uma) altura de quarenta minutos a uma hora depois...*

(3) E: *então você acha bom a mulher trabalhar fora?*

I: *acho... atualmente acho... não pra mim que já estou com uma vida formada... casada há vinte e sete anos já... não... não... não... e depois não preciso... graças a Deus...*

De acordo com o autor,

Pode-se notar que, no exemplo 1, o elemento depois tem um valor espacial, enquanto que, no exemplo 2, apresenta valor temporal. Já, no exemplo 3, o elemento perdeu aquele valor espacial/temporal original e assumiu a função de adicionar argumentos em favor do que está sendo dito, passando a ter valor semelhante a por outro lado: trata-se, neste caso, de um operador argumentativo.

Como podemos observar, a análise interpretativa do *depois* nos três fragmentos é realizada especificamente a partir desse item, não havendo maiores comentários ou considerações com base no contexto em que *depois* é instanciado. O olhar do analista recai de modo exclusivo sobre o elemento pesquisado, sem levar em conta, por exemplo, a sequência tipológica articulada, nos termos de Marcuschi (2002) e Bonini (2005), ou a relação do *depois* com os demais elementos que integram cada uma dessas sequências. O mesmo se verifica com os fragmentos a seguir, ilustrativos de distintos usos de *onde*, extraídos de Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 52):

(4) ... *no banheiro nós vamos encontrar... uma prateleira... onde fica os utensílios pessoais...*

(5) ... *depois disso... teve a noite onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos...*

(6) ... *eu acho que ao invés das pessoas sair na rua... pedindo para... ser implantado a pena de morte no Brasil... deveria estar lutando por outras... por outros métodos... outros objetivos... de melhores condições de vida... de melhor educação para os seus filhos... onde as pessoas poderiam viver num país melhor...*

O estudo de Oliveira (2000) exemplifica a gramaticalização lato sensu. A autora investiga o deslizamento de sentido do item onde, cuja mudança dá-se na própria gramática. De pronome relativo, com sentido de espaço físico, onde passa a designar também espaço de tempo, evoluindo até a categoria de marcador discursivo,

desprovido de significado lexical e utilizado como um recurso coesivo para organizar e planejar internamente o turno. (Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003, p. 51)

Esse olhar exclusivo no item e em seu processo de mudança gramatical também é encontrado em Martelotta (1994, p. 142-144), na pesquisa histórica de *logo*:

(7) *E em logo de paaços, tem as paredes da casa, mais feita de barro e de pedra e cuberta com madeiros monteses...*

(8) *Quer dizer que então teve que passar logo para mamadeira...*

(9) *Porque você, não sei se reparou a divisa no fundo dessa vila com a amendoeira: essa... essa o... oficina de automóveis enorme que tem aí. Então os muros são muito altos, logo não tem saída pelo fundo da vila. E o ladrão que entrar aqui ele... tem... ele corre o risco de, de, de ser encurralado, não é?*

Em sua análise interpretativa sobre tais usos, o autor declara:

... o elemento logo cumpre a gramaticalização espaço > tempo > texto, uma vez que o logo temporal, proveniente de um uso como elemento espacial já desaparecido, gera uso conclusivo, pela atuação conjunta dos mecanismos de pressão de informatividade, segundo Traugott & König (1991: 194), e metáfora espaço > (tempo) > texto, segundo Heine et alii (1991: 182). (Martelotta, 1994, p. 145)

A partir dos três conjuntos de dados apresentados, detectamos o modo pelo qual a pesquisa funcionalista, em sua fase clássica, interpreta os usos conectivos e o processo de gramaticalização, que culmina na ampliação dessa categoria. Trata-se de uma vertente de estudos que se volta, via de regra, para a descrição e a análise de itens específicos.

Em termos de vinculação oracional, destaca-se nesse período a clássica proposta taxonômica de Hopper e Traugott (1997), a seguir sintetizada:

Heine	Diewald
Estágio 1: uso <i>normal</i>	Estágio 0: uso <i>normal</i>
	Estágio 1: contexto <i>atípico</i>
Estágio 2: contexto <i>ponte</i> (pragmático, semântico)	Estágio 2: contexto <i>crítico</i> (múltipla opacidade: pragmática, semântica e estrutural)
Estágio 3: contexto <i>switch</i> (gramaticalização)	Estágio 3: contexto <i>de isolamento</i> (gramaticalização: reorganização e diferenciação)
Estágio 4: convencionalização	

Quadro 1: Dependência e encaixamento de cláusulas (Hopper e Traugott, 1997: 170)

Tal proposta tem servido de base para considerável número de pesquisas sobre formação de orações complexas ou períodos, bem como sobre desenvolvimento de conectivos, como ilustra Martelotta (2003, p. 62-65):

(10) *Não sei matemática. Isso vai me atrapalhar no exame.*

(11) *Eu digo isso: não sei matemática.*

(12) *Caiu, por isso se machucou.*

Nos fragmentos (10), (11) e (12), o autor demonstra a crescente vinculação oracional de sentido e forma. Assim, em (10), temos *isso* em referência anafórica, retomando, em oração distinta, o período antecedente. Em (11), *isso* assume função catafórica, atuando a oração subsequente como aposto. Já em (12) é maior a integração semântico-sintática entre as orações, sendo o papel conectivo de *isso* fundamental para tal efeito de sentido e configuração formal.

4. CONECTIVOS EM ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Na LFCU, os conectivos, bem como as demais categorias linguísticas, são pesquisados segundo a *abordagem construcional* da gramática, com base em Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros. De acordo com tal perspectiva teórica, o âmbito gramatical é entendido como *sistema de conhecimento linguístico hipotético que inclui não só morfossintaxe, semântica e fonologia, mas também pragmática e funções discursivas* (Traugott; Trousdale, 2013, p. 95). Assim, assume-se que a unidade básica da gramática é a *construção*, definida como pareamento convencional e simbólico de forma e sentido (Goldberg, 1995, 2006; Croft; Cruse, 2004). A rede de construções componentes do sistema linguístico é tecnicamente nomeada *constructicon*; nessa rede, cada nó (construção) se interconecta com outros da rede, em termos verticais, horizontais e transversais. Trata-se, portanto, de uma abordagem teórica que propõe a interrelação *função ó forma* de modo mais efetivo na pesquisa integrada da mudança gramatical, tanto em nível lexical quanto gramatical mais estrito.

Consideramos que os conectivos, no contexto da LFCU, integram o domínio funcional da conexão na *constructicon*, distribuídos em distintos esquemas, subesquemas e microconstruções, organizados de modo vertical e horizontal (Rosário; Lopes, 2019; Teixeira; Rosário, 2016). Trata-se de constituintes gramaticais, de conteúdo procedural e natureza lógico-textual, que resultam de *construcionalização* (formação de uma nova construção, de um pareamento inédito de função e forma na *constructicon*) ou de *mudança construcional* (alteração num dos eixos, da função ou da forma, que não resulta em nova construção, como apresentado em Traugott e Trousdale (2013). Na LFCU, os conectivos podem ser levantados, descritos e analisados em perspectiva histórica, no âmbito da construcionalização, ou em perspectiva sincrônica, no viés da *construcionalidade*³, como defendido por Rosário e Lopes (2019).

Em nível textual-discursivo, assumimos que os conectivos devem ser investigados de modo holístico, levando-se em conta relações semântico-sintáticas e parâmetros contextuais gradientes, tal como proposto por Diewald (2002, 2006) e Heine (2002). Essas propostas partem da consideração de que itens isolados não mudam, de que são as propriedades e as relações estabelecidas em plano textual mais amplo as responsáveis pelo estabelecimento de motivações que levam à mudança linguística. Apresentamos, a seguir, um quadro que sintetiza essas propostas taxonômicas contextuais, que guardam semelhança entre si e alguma distinção também:

Heine	Diewald
Estágio 1: uso <i>normal</i>	Estágio 0: uso <i>normal</i>
	Estágio 1: contexto <i>atípico</i>
Estágio 2: contexto <i>ponte</i> (pragmático, semântico)	Estágio 2: contexto <i>crítico</i> (múltipla opacidade: pragmática, semântica e estrutural)
Estágio 3: contexto <i>switch</i> (gramaticalização)	Estágio 3: contexto <i>de isolamento</i> (gramaticalização: reorganização e diferenciação)
Estágio 4: convencionalização	

Quadro 2: Comparação da taxonomia contextual de Heine (2002) e Diewald (2002, 2006), com base na versão de Traugott (2012, p. 9)

Ao observarmos as duas propostas pareadas, como sintetizadas no Quadro 2, constatamos que ambas consideram que a mudança gramatical parte de contextos *normais*, ou seja, de ambientes textuais em que se articulam sentidos mais lexicais ou referenciais, passando por ambiguidade semântica e estrutural, até chegar à nova convencionalização, quando se efetiva a mudança. Na LFCU, entendemos que o último estágio de ambas as propostas considera a formação de um inédito pareamento de função e forma, a inserção de uma nova construção na rede linguística, na *constructicon*. Essa nova construção pode convencionalizar-se em termos mais gerais ou virtuais, como um esquema mais alto na rede, ou como um subesquema, considerado um grupo particular do esquema maior, ou ainda como uma microconstrução, um *type* específico.

Passamos agora a ilustrar a análise de conectivos no âmbito da LFCU a partir da investigação de Arena (2015). Nesse trabalho, a autora se volta para a pesquisa da construcionalização [*daí que*] como conector lógico-argumentativo na trajetória do português, em contextos do tipo:

(13) *Estima-se que até a virada do século mais de metade dos portadores do vírus serão mulheres. Daí que ainda mais bebês nascerão com o HIV.* (Aids. Superinteressante, 1992)

Arena (2015) faz o levantamento de contextos de uso de *daí* e *que* em textos escritos do português⁴, a partir do século XVII até os nossos dias, totalizando 440 dados analisados. A autora se dedica à investigação de sequências textuais em que os constituintes *daí* e *que*, alvo de sua pesquisa, estejam em proximidade sintática, na detecção de seus níveis crescentes de vinculação funcional e formal. Arena (2015) adota a taxonomia contextual de Diewald (2002, 2006), como exposta no Quadro 2, porém descarta a consideração do estágio 0, ou uso normal, no entendimento de que *daí*, em seu levantamento histórico, já articula sentido mais abstrato na trajetória da língua desde sincronias mais antigas. Assim orientada em termos metodológicos, a autora detecta três estágios contextuais de vinculação semântico-sintática de *daí* e *que*, a seguir exemplificados e quantificados:

1. Contexto atípico [*daí* V_{cog}] *que* (192/440 – 43,6 %)

(14) *Letras de câmbio são repudiadas por causa das fraudes, [e daí vem] [que muitos, obrigados a fechar seu banco, abrem falência e comprometem os sócios.]* (História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil. 1940)

A atipicidade contextual verificada em ambientes como o ilustrado em (14) advém de um tipo de ordenação linear em que *daí*, na articulação de sentido mais abstrato, em referência

anáforica, antecede verbo cognitivo (no fragmento em questão, *vem*). Assim, estabelece-se um *chunking*, nos termos de Bybee (2010, 2015), na formação [daí V_{cog}], que é complementado, na sequência, por uma oração encabeçada pelo conector *que*. Esse grupo contextual perfaz 43/6% dos dados levantados pela autora, demonstrando sua alta produtividade, em termos gerais.

2. Contexto crítico [V_{cog} daí] *que* (69/440 – 15,7 %)

(15) *Quanto às atividades do CETREINA, os estagiários e ex-estagiários consideram satisfatórias: o atendimento, a alocação de estagiários nas empresas e a divulgação interna do CETREINA e dos estágios. [Depreende-se daí] [que o CETREINA está atuando como facilitador entre o aluno e a empresa.]* (Anais do II Seminário Regional de Pesquisa em Educação - Região Sudeste. 1981)

O segundo estágio contextual detectado por Arena (2015), mais avançado em termos de vinculação funcional e formal, configura-se como um tipo de ordenação em que o verbo cognitivo, que inicialmente sucedia o elemento *daí*, passa a anteceder-lo, na formação do *chunking* [V_{cog} daí]. A autora entende que o fragmento (15) se trata de contexto crítico no sentido de que *daí*, assim ordenado, se aproxima mais do conector *que*, tornando a sequência passível de duas interpretações: [*depreende-se daí*] [*que*] ou ainda [*depreende-se*] [*daí que*]. O fato de somente 15,7% dos dados configurarem criticidade contextual vai ao encontro do que defende Diewald (2002, 2006), uma vez que, para essa autora, tal estágio transitório, no limite entre a atipicidade e o isolamento, tem baixa produtividade.

3. Contexto de isolamento [daí *que*] (179/440 – 40,7 %)

(16) *Entendemos que a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, [daí que o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual, ao aprimoramento pessoal foram as razões que nos conduziram ao doutorado em educação]* (Tese de doutorado, Maria Solange Pereira, 2001)

Por fim, Arena (2015) levanta 179 dados, perfazendo o significativo percentual de 40,7% do total, em que se instância a efetiva construção conectora lógico-argumentativa [*daí que*]. Nesse esquema altamente vinculado, o elemento verbal não mais é usado, em prol da formação de um todo semântico-sintático que atua na articulação da conexão textual. A autora constata que essa construção gramatical é fruto de neoanálises, de micropassos de mudanças construcionais, a partir do *cline*: [daí V_{cog}] *que* > [V_{cog} daí] *que* > [daí *que*]^{cla}.

Em termos históricos, e controlando ainda o tipo de sequência tipológica, Arena (2015) chega aos seguintes resultados: a) contextos atípicos e críticos são detectados desde o século XVII; b) esses contextos, com produtividade bem maior dos atípicos, mantêm-se em todas as sincronias pesquisadas; c) contextos de isolamento somente são levantados no português contemporâneo, correspondente aos séculos XX e XXI em sua pesquisa; d) esse resultado permite considerar que o conector [*daí que*] é uma construcionalização mais recente na língua; e) o papel conector de [*daí que*] subdivide-se em articulação de consequência e conclusão, sendo o de conclusão mais produtivo; f) tais subfunções têm relação direta com as sequências tipológicas textuais, com os contextos em que são instanciadas, sendo os argumentativos aqueles que mais motivam tais usos; g) [*daí que*] é um *type* específico, ou microconstrução, que faz parte do esquema maior [*Xque*] e esse, por sua vez, integra o domínio funcional da conexão; h) por outro lado, [*daí que*] está em relação horizontal, em termos de variabilidade ou competitividade na *constructicon*, com outras microconstruções de distinta configuração esquemática, como *logo*, *portanto*, *então*, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa de uma classe específica da gramática do português, a dos conectivos, neste artigo, apresentamos, contrastivamente e em linhas gerais, a perspectiva clássica e aquela mais recente da investigação de orientação funcionalista na vertente norte-americana, que se consubstancia na abordagem construcional da gramática. Destacamos o perfil categorial dos conectivos como ótimo contexto para análise funcionalista, dada a hibridização e a prototipicidade que marcam esses constituintes, além do fato de que, via de regra, resultarem de trajetória de

mudança gramatical.

Em nossa apresentação, observamos o modo pelo qual o Funcionalismo clássico, dedicado à descrição e à análise da gramaticalização e do uso de conectivos em termos individuais, passa, na contemporaneidade, a ampliar seu foco de pesquisa, ao incorporar o aparato teórico da gramática de construções, na perspectiva da LFCU, compatibilizando modelos como os de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013). Nesse sentido, ganham destaque as relações e propriedades contextuais que caracterizam tanto as instâncias de uso dos conectivos, enquanto padrões construcionais, quanto os ambientes que, dispostos em *cline*, concorrem e motivam sua convencionalização, como demonstra Diewald (2002; 2006).

Consideramos que esse olhar construcional e holístico sobre os padrões convencionais de uso, no contexto da LFCU, é um campo promissor para o desenvolvimento de novas pesquisas. Tais investigações devem não só se voltar para esquemas, subesquemas e microconstruções, em viés vertical na *constructicon*, como também contemplar relações horizontais, na perspectiva da variabilidade que marca os usos linguísticos. Ademais, para além da captação de micropassos rumo à mudança linguística, em termos de gradualidade, é relevante observar a gradiência, a competição por instâncias de uso na rede construcional em termos sincrônicos. Tanto a construcionalização quanto a construcionalidade têm como ser abordadas nessa perspectiva.

REFERÊNCIAS

- ARENA, A. B. Construcionalização do conector "daí que" em perspectiva funcional centrada no uso. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015.
- AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BOLINGER, D. Meaning and form. London: Longman, 1977.
- BONINI, A. 2005. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L, BONINI, A; MOTTA-ROTH, D (org). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo, Parábola, 2005, p. 208-236.
- BYBEE, J. Language, usage and cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. Language change. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CAMARA JR, J. M. Dicionário de linguística e gramática. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CASTILHO, A. T. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAVALIERE, R. A noção de conectivo nas gramáticas brasileiras do século XIX. Filologia e Linguística Portuguesa, v. 20, no. 1, 2018, p. 9-30.
- CROFT, W; CRUSE, D.A. Cognitive Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, W. Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CRYSTAL, D. Dicionário de linguística e fonética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G (eds). New reflections on grammaticalization. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.
- _____. Context types in grammaticalization as constructions. Constructions, SV1-9/2006. Disponível em: .
- DUBOIS, J. et al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FURTADO DA CUNHA, M. A; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E. (org). Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.
- HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G (eds). New reflections on grammaticalization. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 83-101.
- HEINE, B. et al. Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

- HILPERT, M. Construction grammar and its applications to English. Edinburgh Textbooks on the English Language – Advanced, 2014.
- HOPPER, P. Emergent grammar. Berkeley Linguistics Society, v. 13, 1987, p. 139-157.
- _____. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B.(ed). Approaches to grammaticalization. Amsterdam: John Benjamins, 1991, vol. 2.
- HOPPER, P; TRAUGOTT, E. Grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GIVÓN, T. On understanding grammar. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG. A. Constructions: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- _____. Constructions at work: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LYONS, J. Introdução à linguística teórica. São Paulo: Nacional/Edusp, 1979.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A; MACHADO, A; BEZERRA, M. A (org) Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- MARTELOTTA, M. E. Os circunstanciadores temporais e sua ordenação – uma visão funcional. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
- _____. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, M. E. et al (org). Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996, p. 191-220.
- _____. A mudança linguística. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. et al (org). Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003, p. 57-71.
- PERINI, M. Gramática do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010.
- ROSÁRIO, I. C. Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional. Tese (Doutorado em Letras). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012.
- ROSÁRIO, I. C; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. Soletas, 2019, n. 37, v. 1, p. 83-102.
- ROSÁRIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. Alfa, 2016, n. 60, v. 2, p. 233-259.
- TEIXEIRA, A. C.; ROSÁRIO, I. C. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. Linguística, v. especial, 2016, p. 139-151.
- TRAUGOTT, E. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYT, M.; KYTÖ, M. (Ed.). English corpus linguistics: crossing paths. Amsterdam: Rodopi, 2012. p. 221-255.
- TRAUGOTT, E; DASHER, R. Regularity in semantic change. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics on grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B.(ed). Approaches to grammaticalization. Amsterdam: John Benjamins, 1991, vol. 1.
- TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. Constructionalization and constructional changes. Oxford: Oxford University Press, 2013.

NOTAS

- 1 No Brasil, destacamos as pesquisas pioneiras do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, em suas três sedes nacionais – UFRJ, UFF e UFRN, além do Grupo *Conectivos e Conexão de Orações* (CCO), ramo do D&G na UFF.
- 2 Termo cunhado pelos autores na referência a uma categoria analítica para a descrição de relações horizontais

e verticais na *constructicon* numa dada sincronia.

- ³ Extraídos do banco de dados *Corpus do Português*, disponibilizado no site <https://www.corpusdoportugues.org/>